

Você, eu, nós! A convivência com o outro nos livros de Literatura Infantil e Juvenil

You, I and Us! Living together with others Children's and Youth Literature books

Luiza Corrêa Cunha¹, Berenice Rocha Zabbot Garcia, Matheus Gabriel da Silva Boff

RESUMO

Este artigo tem foco na maneira com que livros de literatura infantil discutem por meio de diferentes linguagens, as relações de convivência com o outro. Analisando quatro obras publicadas no Brasil nos últimos cinco anos, o presente estudo busca entender de que forma obras voltadas às crianças abrem possibilidades para outros olhares sobre o mundo contemporâneo no que se refere a quebra de preconceitos e visões cristalizadas de mundo. A análise se dá considerando a literatura como arte e fruição, (COELHO, 2000; BARTHES, 1999), a questão da formação de leitores críticos e o respeito às diferenças, (YUNES; PONDÉ, 1989; BUSATTO, 2012) dentre outras e outros autores citados no decorrer da escritura desse artigo.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Obras contemporâneas; Convivência com o outro;

ABSTRACT

This article focuses on the way children's literature books discuss, through different languages, the relationships of coexistence with the other. Analyzing four books published in Brazil in the last five years, the present study seeks to understand how works aimed at children open up possibilities for other perspectives on the contemporary world in terms of breaking prejudices and crystallized worldviews. The analysis takes place considering literature as art and enjoyment (COELHO, 2000; BARTHES, 1999), the issue of training critical readers and respect for differences (YUNES; PONDÉ, 1989; BUSATTO, 2012) among others authors cited in the writing of this article.

Keywords: Children's Literature; Contemporary works; Living together with others;

¹ Universidade da Região de Joinville. E-mail: luiza.correa@univille.br

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA

A Literatura, como uma Arte, promove o exercício da linguagem, despertando no sujeito a humanização, a sensibilidade e o afetamento. Para Coelho (2000),

Literatura é Arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do eu + o outro + mundo, em harmonia dinâmica). (COELHO, 2000, p. 10)

Ou seja, quando lemos, escutamos ou contamos uma história estamos conhecendo além de nós mesmos, os outros ao nosso redor, aqueles que fizeram parte da cultura ou que ainda fazem parte do contexto em que estamos inseridos. Ainda, segundo Coelho (2000), Literatura é uma

[...] atividade fundamental que estimula o ser em sua globalidade (emoções, intelecto, imaginário, etc.), e pode levá-lo da informação imediata (através da "história", "situação", ou "conflito"...) à formação interior, a curto, médio ou longo prazo (pela fruição de emoções e gradativa conscientização dos valores ou desvalores que se defrontam no convívio social). (COELHO, 2000, p. 18)

Por isso, devemos sempre pensar que a Literatura, seja ela, Infantil, juvenil ou Adulta, é fruição para além de um recurso didático/pedagógico ou um "passatempo" em sala de aula. Não devemos dar às obras de Literatura Infantil e Juvenil falsos moralismos, muito menos tratá-las como banais.

Um texto frutivo é aquele que permite que o leitor possa sentir prazer com a leitura, se deliciar e deleitar com aquilo que lê. Para Barthes (2007, p. 20), "[...] as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa". A Literatura, enquanto texto frutivo, existe para ser sentida!

Sentida e refletida, pois Barthes (1999) ainda completa seu pensamento quando fala de fruição, dizendo também que ela é um processo que

[...] põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 1999, p. 22, grifo dos autores).

Diante disso, muito além do texto literário escrito, o que provoca prazer e fruição no leitor, dentro da Literatura Infantil e Juvenil, é a estética, que complementa a palavra, e, muitas vezes diz mais do que ela, através do jogo de imagens, cores e texturas.

Pensando desta forma, neste artigo iremos tratar de livros híbridos de Literatura Infantil e Juvenil, que em toda sua composição (capa, ilustrações, texto e diagramação), despertam a fruição no leitor, seja ele o professor que lê para seus estudantes, familiares que leem para pessoas próximas, ou a própria criança ou adolescente que lê para si.

DISCUTINDO A LITERATURA E AS SINGULARIDADES

Este artigo toca no tema *convivência com o outro* porque entendemos a necessidade, nos dias de hoje, de tratar sobre a diversidade em seus múltiplos aspectos, seja ela cultural, de gênero, étnica e religiosa. Com essa temática trataremos do plural, das singularidades nos livros de Literatura Infantil e Juvenil.

Refletimos diante disto: é possível acabar com as desigualdades e os preconceitos tão evidentes na sociedade contemporânea, colocando em pauta os temas diversidade e *convivência com o outro* de forma natural nos livros de Literatura Infantil? Segundo Heller (2008, p. 83), "[...] os preconceitos não podem ser totalmente eliminados do desenvolvimento social", no entanto, é possível "[...] eliminar a organização dos preconceitos em sistema, sua rigidez [...]".

Não é possível abolir totalmente os preconceitos e desigualdades (pensar assim seria utópico), mas um possível caminho indicado por nós para ampliar a discussão destes assuntos e expandir a "visão" de mundo das pessoas, é por meio da Literatura. Afinal, a Literatura pode e deve ser dirigida a todos, proporcionando a crítica e a emancipação do sujeito.

A Literatura oportuniza à criança a liberdade para ser o que quiser, instigando-a a criar livremente. "Acreditamos, pois, que a leitura literária possa contribuir para a emancipação do sujeito, libertando-o do processo de massificação a que se vê

submetido pela informação dirigida, que encobre as contradições e que não faz apelo crítico" (YUNES; PONDE, 1989, p. 32).

Com isso, pensamos que a Literatura Infantil e Juvenil pode ter um papel fundamental na ampliação das experiências infantis e juvenis com relação ao que é significativamente diferente. Os livros, mais do que apresentar as diferenças humanas no âmbito das características individuais dos sujeitos, podem contribuir para as mudanças em relação ao que é historicamente construído e estereotipado.

Busatto (2012) nos aponta ainda que a Literatura Infantil e Juvenil contribui para formar leitores, para fazer da diversidade cultural um fato, para valorizar as diferentes etnias, para manter a história viva, para sensibilizar e para mobilizar o imaginário infantil. Além disso, quando as crianças escutam histórias, percebem-se nos personagens, e a partir disso, constroem suas identidades, baseadas nos retratos das narrativas e representações de nossa sociedade.

Até se pensarmos na *convivência com o outro* de forma simples, podemos concluir que o mundo não teria graça se fôssemos todos iguais. Como seria se todos gostassem do mesmo sabor de sorvete, ou do mesmo perfume de flor? É imprescindível colocar em evidência o assunto de *convivência com o outro*, para discutirmos desde gostos e preferências a questões essenciais de respeito e tolerância. Com certeza, as obras literárias podem nos auxiliar muito nestes aspectos.

É a partir da palavra e de seus imbricamentos que o sujeito consegue fazer uma leitura de mundo, como já dito por Freire em 1989. Desta forma, a literatura (palavra viva) transmitirá sua mensagem de respeito às pessoas, aos direitos humanos e à natureza, possibilitando a construção crítica das crianças e jovens acerca dos valores sociais que beneficiam o bem comum. Por isso, afirmamos mais uma vez, para além da epígrafe neste texto do autor Valter Hugo Mãe (2018), que, sim, precisamos uns dos outros; nossa felicidade e construção diária de seres humanos melhores dependem do nosso coletivo. Só assim atravessaremos as barreiras de discriminação e preconceito que assolam nossa sociedade.

A DIABA E SUA FILHA

O primeiro livro a ser analisado é o livro de Literatura Infantil e Juvenil *A diaba e sua filha*, escrito por Marie Ndiaye e ilustrado por Nadja. Traduzido no ano de 2011 para o português por Paulo Neves e lançado pela editora Cosac Naify.

O livro fala sobre uma mulher conhecida em seu vilarejo como a diaba, que procura por sua filha perdida. É um texto aparentemente simples, porém com uma leitura que prende ao leitor. Se o leitor estiver disposto, o livro trará muitas reflexões sobre diversas questões, por exemplo: por que chamar uma mulher de diaba apenas porque ela é diferente das outras pessoas? Por que as pessoas temem tanto aquilo que é singular, que não está no padrão imposto pela sociedade? Por que maltratar aqueles que nunca fizeram o mal e só precisam de ajuda? Enfim, muitas lágrimas de dor, sofrimento e incompreensão. Pegar esse livro para ler, é refletir a respeito da forma como a sociedade se porta diante daquilo que apenas julga ser errado só porque é diferente. Como visto e percebido, a sociedade tem inúmeros (pré) conceitos com aquilo que não faz parte do seu cotidiano.

A história é misteriosa, provoca angústia e inquietude do início ao fim, mas, as ilustrações captam isso de forma leve e delicada, fazendo com que toda a tristeza e ansiedade da leitura sejam aplacadas pelas imagens. É um tipo de leitura que muda sua visão de mundo, não sendo destinado somente a crianças, como também para jovens ou para qualquer leitor que deseje senti-lo.

Na contemporaneidade textos como *A diaba e sua filha* são inspirações desde os menores até os maiores. Este é um livro que põe em discussão um tema tabu, e muito importante, destinado a todos os "tipos" de leitores.

Analisando o fato de ser um livro ilustrado, Van Der Linden (2011) nos diz que o livro ilustrado infantil é uma forma de expressão que traz uma interação de textos e imagens no âmbito de um suporte, pela diversidade de produções e por uma correlação fluída de página para página. Além disso, é hoje um dos principais formatos contemporâneos, já que este possuiu atrativos às crianças, principalmente por meio da junção de textos e imagens. Cagneti (2013, p. 79), fazendo essa mesma relação, também afirma que raramente as publicações de livros de Literatura Infantil "[...] limitam-se a um texto que não seja híbrido, ou seja, constituído por mais de uma linguagem, explorando ao máximo aquela escolhida, seja ela a das cores, a da palavra, a da imagem, ou do cinema, do bordado, do cordel".

Vale destacar também que as ilustrações do livro *A diaba e sua filha* são todas em um tom escuro, um azul que acompanha as imagens desde a capa até a última página da obra. Detalhe que chama muito atenção, causando "efeito" e interpretação no leitor, pois a escuridão marca ainda mais o contexto do livro, deixando uma "áurea" sombria e triste, e, ao mesmo tempo, acalentadora, conversando com a narrativa escrita. As ilustrações também parecem pintadas a mão, de maneira intencional, sem grandes efeitos gráficos, justamente para remeter o leitor a lembranças de desenhos que retratam simplicidade.

Sendo assim, este é um livro com características híbridas, principalmente por possuir mais de uma linguagem, ser constituído por palavras e ilustrações, que conversam entre si, estão imbricadas, por meio das cores e da fluidez das páginas.

VOZES NO PARQUE

A segunda obra a ser analisada é *Vozes no parque*, do escritor e ilustrador britânico Anthony Browne, traduzido por Clarice Duque Estrada e publicado pela editora Pequena Zahar em 2014.

A obra Infantil e Juvenil retrata o passeio em um mesmo parque contado pela perspectiva de quatro gorilas/vozes – Carlinhos, o gorilinha, e sua mãe, a gorila; Manchinha, a gorilinha, seu pai, o gorila. São vozes que estavam juntas no mesmo lugar e hora, mas sentindo emoções, vendo coisas e com o estado de espírito completamente diferente. Segundo Moisés (1994), o tempo psicológico, como o próprio adjetivo "psicológico", sugere, ainda na mais corriqueira de suas conotações, essa forma de tempo aborrece ou ignora a marcação do relógio. Tempo interior, imerso no labirinto mental de cada um, apenas cronometrado pelas sensações, ideias, pensamentos, pelas vivências, em suma, que, como sabemos, não têm idade: pertence à experiência mais corriqueira, repetida diariamente, saber como não significa nada, em última análise, afirmar que determinada sensação ocorreu há dez anos, vinte dias ou num dia de passeio no parque, entre outros.

A primeira voz da mãe de Carlinhos, a gorila, uma mulher rica, residente numa casa grande e confortável de estilo britânico campestre. Para ela, a estação é outono e as árvores possuem folhas com tons avermelhadas e amareladas, e a ela aparenta estar

enojada e com medo. Ela sai para um passeio com seu filho e sua cadelinha Leopoldina. Chegando no parque, a gorila mostra sua face preconceituosa ao chamar um vira-lata de imundo e enxotar aquele bicho horrível – o animal de estimação de uma família pobre, o que já deixa perceptível sua visão em relação às pessoas de classe socioeconômica mais baixa.

É passível de análise as vestimentas da mãe gorila. Um chale azul marinho sobre os ombros, um lenço entrecruzado disposto em seu pescoço e as botas pretas no pé. Essas peças fazem intertextualidade a *Mary Poppins*, a babá de guarda-chuva voador com poderes mágicos que aparece para trazer alegria à vida triste das crianças de uma família rica – só que a mãe gorila, no que se refere a sua personalidade maternal, parece não trazer felicidade alguma para vida de seu filho, e relacionando seu caráter e personalidade ao de *Mary Poppins*, as duas não são nem um pouco parecidas.

A intertextualidade é outro aspecto híbrido que o autor se vale com a pretensão de dialogar com as obras literárias e cinematográficas clássicas. Segundo Filho (2010), a existência desse relacionamento intertextual – o diálogo entre textos – cria a possibilidade de entender a Literatura Infantil como sendo aquela que contém em sua manifestação textual espaços, personagens e tempos constantes de outros textos, não somente no que se refere a parar realidade conseguida com a releitura do mundo, mas também à crença de que existe um universo literário infantil, tendo como sujeitos enunciadores indivíduos apropriados de um saber adulto.

A relação familiar entre a mãe gorila e Carlinhos é de superproteção maternal. Quando ela não o avista no parque, começa a gritar, desesperada pensando em todas as coisas horríveis que acontecem em parques. Posteriormente, a gorila vê o filho conversando com "uma criança de aparência malcuidada", e novamente o chama, voltando para casa com Carlinhos e Leopoldina.

Na volta para casa o autor ilustrou o silêncio, folhas caídas pelo chão – representando o desgaste da mãe – e uma árvore em chamas. Esta árvore significa o poder da mãe gorila, extremamente superprotetora, e furiosa em ver o filho fazendo amizade com uma criança estranha. A simbologia da árvore em chamas, em nossa interpretação, representa o poder da mãe em moldar seu filho conforme suas condutas e noções de ensinamentos. A superproteção maternal da mãe gorila ultrapassa os limites

do zelo, que ao tentar evitar que o filho sofra, causa ainda mais frustração, angústia e tristeza.

Segundo Manzeske e Stright (2009 *apud* Paula, 2012, p. 157), “[...] uma baixa autoestima, elevados níveis de depressão, ansiedade, menores competências sociais e fenômenos de externalização comportamentais, encontram-se associados a um controle psicológico elevado por parte dos pais.” O zelo excessivo da mãe gorila não permitia a ela ver o sofrimento de seu filho.

A segunda voz é pertencente ao gorila, o pai de Manchinha, um homem de uma classe socioeconômica inferior à da primeira voz. Para ele, as árvores estão secas, sem flor alguma e o céu encontra-se nublado. Ele reside numa periferia, e as ilustrações nos possibilitam observar a pobreza. O pai demonstra simplicidade e humildade, parecendo estar consumido pela tristeza, pelo desalento e pelo tédio. Sua vestimenta é uma roupa macacão – uma peça de vestuário usada por operários, entretanto, o gorila está desempregado. Na tentativa de eliminar temporariamente esses sentimentos, ele resolve dar uma volta no parque com sua filha Manchinha e seu cachorrinho Pedro.

Na ida ao parque, o pai passa com a filha e o cão por um *Papai Noel*, com uma garrafa de *Coca-Cola* jogada ao lado, pedindo esmola, junto a dois quadros, um do mosqueteiro e outro da *Monalisa*. Nessas figuras, conseguimos perceber as condições nas quais os habitantes daquele lugar estão inseridos: desemprego e pobreza.

Na volta para casa, o pai diz que a filha o colocou para cima, deixando claro que seu amor por ela é maior que a frustração, a tristeza e a angústia de não conseguir um emprego. Com o gorila recuperando o ânimo e a felicidade, todo o cenário da próxima figura muda: o *Papai Noel* está dançando – e não mais triste, pedindo esmola – com o mosqueteiro e *Monalisa*, ambos transfigurados para fora do quadro. Na mesma ilustração é possível perceber uma tulipa florescendo num poste. As tulipas, em nossa interpretação, representam o amor perfeito, um amor que nada pode abalar, e esse é o sentimento do pai gorila pela filha.

Browne(2014) revisitou obras artísticas de pintores significativos, como o *Buste de Mousquetaire*, de Pablo Picasso e *MonaLisa*, de Leonardo Da Vinci, e figuras de datas importantes como o *Papai Noel*, fazem parte de um recurso de resgate típico do hibridismo literário.

A terceira voz é referente a Carlinhos, um gorilinha que, por mais que possua poder aquisitivo, é solitário e infeliz por conta da superproteção maternal e por ficar em casa sozinho, como ele descreveu. Na primeira ilustração que protagoniza a sua voz, vemos que ele se sente sozinho e até a cadelinha Leopoldina está cabisbaixa num canto. O cenário onde Carlinhos aparece é escuro e com pouca luz.

No parque, o tempo é nublado, com nuvens, postes e galhos de árvores no formato do chapéu de sua mãe. O modo como ele vê as coisas ao seu redor reflete a sua condição psicológica.

Quando Carlinhos é convidado por Manchinha para ir ao escorrega, ele diz: "Era uma menina, infelizmente, mas fui mesmo assim" (BROWNE, 2014, p. 18), um tipo de comentário muito típico nos meninos de sua idade, que preferem brincar com outros meninos. Nas páginas que se seguem, é perceptível o contraste emocional e social existente entre os dois personagens: ele está triste e ela não, ele usa roupas mais sofisticadas, como calça, sapatos sociais e camisa; e ela calça jeans, tênis, e blusa de lã. Os dois brincaram no escorrega, trepa-trepa e escalaram árvore. Em seguida, a mãe os pegou conversando e disse que era hora de ir para casa. Carlinhos obedeceu e indo embora triste, perguntando para si mesmo se encontraria Manchinha novamente.

A quarta voz é de Manchinha, a personagem mais descontraída e feliz da obra. O parque, na perspectiva de Manchinha, é ensolarado e cheio de cores vivas. Sua voz inicia contando sobre o estado emocional de seu pai, Manchinha relata que a visita ao parque poderia ser revigorante a ele. Manchinha é uma personagem muito sociável, pouco ligando para quem Carlinhos era, pois para ela, o que mais importava era fazer amizades e brincar. Carlinhos, embora fosse um macaco isolado e triste, e parecesse bobo, no início, aos olhos de Manchinha ele era amigável.

No final, antes da mãe de Carlinhos chamar, ele deu uma flor a Manchinha. A flor consolidou a amizade entre os dois, pois embora Carlinhos fosse para casa e não soubesse se encontraria Manchinha novamente, aquela flor foi muito significativa e constituiu uma conexão entre eles que perduraria para sempre.

Algo que chama a atenção do leitor é a relação entre os cachorros de Manchinha e Carlinhos, que tem nome de pessoa, ao passo que os gorilas, não, e estavam brincando juntos na perspectiva de todos os personagens. Aqui é possível perceber a relação de cumplicidade e amizade entre os cães e as crianças, pois no final

do livro aparece uma xícara com os cães desenhados e com uma flor dentro, a flor que Carlinhos deu a Manchinha.

Este segundo livro analisado trabalha na perspectiva subjetiva do que cada personagem está sentindo naquele passeio no parque, onde a imagem dialoga com o texto e reflete o contraste emocional de cada um. Além disso, faz uma abordagem muito reflexiva sobre diversos problemas pessoais e sociais, como desemprego, diferenças de classe, preconceito, emoções, sentimentos, relações familiares, amizade e simplicidade, dentre muitos outros.

TRIÂNGULO

O terceiro livro que trazemos para discussão do hibridismo e com esta temática de *convivência com o outro*, é o livro *Triângulo*, da editora Salamandra, do ano de 2017. Ele foi escrito e ilustrado pelos artistas Mac Barnett e Jon Klassen, respectivamente. As palavras e imagens são essenciais na obra para a criação tão original do jogo narrativo. É uma obra contemporânea e totalmente híbrida, desde a sua diagramação até a forma da disposição das ilustrações e letras que o compõe.

É um livro em capa dura, como se a capa fosse feita de papelão e com bastante resistência, pensada para o manuseio das crianças, para que elas possam sentir e tocar, na capa e na quarta capa. Já no interior do livro, as páginas são comuns.

Além disso, o que chama a atenção na capa é o fato de não constar ali o título da obra e nem o nome dos autores. A capa é composta inteiramente da ilustração de um Triângulo, o qual se apresenta personificado, com olhos e pernas, sendo este o personagem principal da história. Já na contracapa, é o mesmo Triângulo, mas com a sinopse da narrativa escrita em cima do desenho, como se ele estivesse de costas.

As ilustrações de todo o livro são mais do que complementares ao texto, a linguagem visual é essencial para se entender o enredo da história. As imagens contam com cores que "conversam" umas com as outras, cores mais escuras, em tons de marrom, preto, cinza e verde musgo. As imagens são todas com traços "retos", como os das formas geométricas. O personagem Triângulo mora em uma casa toda triangular, bem como o personagem Quadrado mora em uma casa toda quadrada.

De acordo com essa análise, percebemos que hoje em dia a ilustração não é mais uma mera multiplicação do texto escrito em forma de desenho, pois, segundo Cagneti (2013, p. 81) a ilustração "[...] não é mais uma repetidora do texto (como o foi em seus primórdios), mas é uma linguagem que diz o não dito, sugerindo muitas vezes o que sequer foi insinuado pelo elemento verbal".

De maneira sucinta, essa história nos conta sobre o personagem Triângulo, que um dia atravessou a porta e saiu de casa para pregar uma valente peça no seu amigo Quadrado. O Triângulo passou por triângulos pequenos, triângulos médios e triângulos grandes, chegando a invadir o território do outro personagem. Ao chegar à casa do Quadrado, ele disse SSSSSSS, como se fosse uma cobra, porque o amigo morria de medo de cobras. Entretanto, no final da história, quem acaba por pregar uma peça de forma despreziosa no amigo, é o Quadrado. A posição do Triângulo que foi fazer uma travessura com o amigo é totalmente invertida, agora ele se encontra em outro ângulo da história, com o Quadrado pregando uma peça nele.

Este é o primeiro álbum de uma trilogia das formas (Triângulo, Quadrado, Círculo), que pretende desta forma despertar a curiosidade no leitor. Com certeza, aquele que lê a primeira obra, sente-se envolvido e com vontade de descobrir as aventuras das formas geométricas em outros momentos. Isso porque, no final da história, em sua última página sem numeração, há uma pergunta aos leitores: "Mas você acredita mesmo nisso?" (BARNETT, 2017, p. 15). Fazendo referência a peça pregada pelo Quadrado no Triângulo no desfecho do enredo. Aspecto híbrido da obra, pois propositalmente com a pergunta, há uma abertura para a continuação dos próximos livros da trilogia e, também, um rompimento do que é comum, como um final de felizes para sempre, ou um final determinado.

Os leitores são a todo o momento surpreendidos nesta leitura, pois não esperam as surpresas e reviravoltas, nem mesmo terem que responder há um questionamento em uma narrativa infantil.

A narrativa traz como questões de reflexão: como o outro se sente com determinadas brincadeiras que fazemos? Como lidamos com os medos de outras pessoas? Como convivemos com as diferenças? Afinal, dois personagens invadem os espaços um do outro, evocando de modo sutil as singularidades entre pessoas

originárias de mundos diferentes, com outras prioridades, outros modos de conviver, outros costumes e medos.

O humor também é muito presente na obra *Triângulo*, um humor irônico, de um enredo recheado de mensagens subliminares que só são captadas por aqueles que têm pensamento crítico e um humor um tanto ácido. Segundo Jacqueline Held (1980, p. 181 *apud*. CAGNETI, 2013, p. 85), "o humor [...] supõe distância com referência a si mesmo." Ou seja, podemos nos identificar com o livro conseguindo fazer pontes com nosso cotidiano, encarando as reflexões presentes na obra de forma leve e engraçada.

A VACA QUE BOTOU UM OVO

Da mesma editora do livro anterior, o quarto livro híbrido analisado é *A vaca que botou um ovo*, de Andy Cutbill e Russel Ayto, publicado no ano de 2010. O título do divertido livro de Andy Cutbill (2010) já mostra ao leitor que o enredo que o espera não terá nada de comum. Afinal, não é todo dia que se encontra uma história onde um mamífero bota um ovo. Mas, na fazenda onde vivia Mimosa, todas as vacas sabiam fazer coisas extraordinárias como andar de bicicleta, plantar bananeira e até – acredite – virar estrela. Menos ela, a pobre Mimosa. Até que um dia, ao acordar, algo incrível aconteceu, e, a partir daí, nada seria como antes na vida de Mimosa.

O humor do texto torna-se ainda mais evidente graças às ilustrações de Russel Ayto repletas de detalhes engraçados que não passarão despercebidos pelos leitores mais atentos e curiosos. As ilustrações são todas coloridas e cheias de vida.

Uma das questões apontadas pela narrativa, é que precisamos acreditar em nossos objetivos e propósitos, mesmo quando todos em nossa volta nos querem provar ao contrário. Além disso, alguns outros temas são evidenciados nesta história são: adoção, diversidade da constituição familiar, amor com o próximo, preconceito por parte de um grupo que se diz igual, intolerância, entre outros.

O livro torna-se híbrido, principalmente, pelas suas ilustrações coloridas e por ter em sua capa um "vazado", que é completado pela ilustração da página seguinte. Sempre que o livro se torna um brinquedo e é um livro objeto, ou chamado também de livro vivo (DEBUS, 2018), podemos considerá-lo híbrido.

Debus (2018) nos diz que várias tipologias são dadas ao livro objeto no Brasil, quando se faz referência àqueles portadores de uma estética diversa em sua construção. A autora ainda afirma que existe uma impossibilidade de nomeá-los, devido a sua hibridização. Mas, o fato é que

[...] estamos falando de livros que na sua construção estética são eivados de ludicidade e exigem do leitor um dar-se ao objeto, mover partes desdobráveis, ocultas, como se segredos houvessem a cada virar de páginas e fossem revelados pelas mãos, ler pelos sentidos! (DEBUS, 2018, p. 393).

São obras que possuem outro tipo de "[...] gramatura do papel, o tipo e tamanho das letras e a sua disposição no espaço da página, além de outros dispositivos gráficos" (DEBUS, 2018, p. 392).

A importância de livros objetos é justamente que a partir do *toque*, do manuseio com o livro, do momento em que estejam em contato exploratórios com o material, que muitas crianças se tornam leitoras. Debus e Gonçalves (2018) enfatizam:

a experiência estética, lúdica e independente que o livro-brinquedo propícia às crianças mostra-se importante, uma vez que sua relação com o livro é motivada pela leitura sensível, que vai além da decodificação do código escrito, envolvendo uma exploração corporal, que comove e convida as crianças à exploração de ler brincando. Livros de pano, de borracha, livros que cantam, encantam, saltam, pulam e convidam: São esses os livros-brinquedo, que se propõem ir além do formato usual, é livro que interage e quer ser brinquedo (DEBUS; GONÇALVES, 2018, p. 130).

Com o livro infantil *A vaca que botou um ovo* a criança tem a oportunidade de brincar e ler ao mesmo tempo, encantando-se com toda a obra e formando-se leitora pelo contato efetivo com aquele trabalho artístico.

DEBAIXO DO MESMO CÉU

O quinto livro a ser analisado é *Debaixo do mesmo céu*, da escritora e ilustradora alemã Britta Teckentrup. Ele foi publicado e traduzido no Brasil pela editora Ciranda Cultural em 2018.

Valter Hugo Mãe (2017, p. 24) escreveu que "a humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti." E esta obra infantil trabalha nessa perspectiva, de olhar no outro e se perceber nele para depois olhar para si. *Debaixo do mesmo céu* é sobre sentimentos, esperanças e sonhos, coisas das quais todos temos em comum e que

nos transmitem diferentes perspectivas acerca da construção de um mundo melhor para todos.

Ao analisar a capa do livro, vemos dois guaxinins com a cabeça erguida e os olhos voltados para uma nuvem – sentados em uma pedra cercada por uma relva verde e com a presença de colinas no canto esquerdo do livro, um cenário que desperta muita atenção. A nuvem é recortada em seu formato abaulado e nos permite ver o título *Debaixo do mesmo céu* escrito na página seguinte. Os recortes nas páginas do livro, que nos permitem ver detalhes das páginas seguintes, é um aspecto híbrido por tornar o livro um objeto de manipulação, um livro brinquedo. Os recortes, que logo de início interagem com o leitor, estão presentes durante toda a leitura da obra.

Na página seguinte, o leitor tem contato com a frase sensibilizadora da autora: "Por um mundo unido..." (TECKENTRUP, 2018, p. 5). Esta frase revela a mensagem ideológica que a autora quer passar, pois, como nos traz Cademartori (2010, p. 12), na produção de adulto para criança, "[...] se manifestam as ideias dos mais velhos sobre o que as crianças devem ser e pensar." Com frequência, no livro infantil se desenha nosso sonho de infância, ou, noutro extremo, predomina o intuito de formação, ganha forma a concepção racional e ideológica do que o adulto pensa deva fazer parte dos conceitos a serem adquiridos na infância.

No início da narrativa, sobre telhados urbanos, há gatos de diferentes tonalidades perto de uma chaminé, e uma coruja ao longe, num galho de árvore. Os animais estão sob a luz do luar, com um azul muito chamativo, nuvens acinzentadas e estrelas. Os olhos dos gatos e da coruja são da mesma cor da lua, amarelo, referenciando seu instinto e preferência pela noite. O amarelo de seus olhos é igual ao da divisão retangular vertical da página ao lado, onde está escrito "Vivemos debaixo do mesmo céu... podemos estar perto ou longe" (TECKENTRUP, 2018, p. 4). A nuvem recortada e abaulada volta a aparecer, um pouco abaixo da lua minguante, revelando o amarelo chapiscado da página seguinte.

Seguindo, vemos um cenário magnífico: um leão, com três leõezinhos a sua volta e com a leoa deitada na pastagem atrás deles. O céu, bem como a pastagem savanesca – com alguns tons esverdeados – são da cor da espécie felina. É um cenário que sensibiliza e toca o leitor.

Na página seguinte, o leitor é transportado para o ambiente antártico, onde aparecem dois pinguins – aqui temos uma ruptura de paradigma, pois como bem sabemos, os pinguins também formam casais entre machos – de nadadeiras dadas olhando para a lua, em cima de uma geleira. O plano de fundo chama muito a atenção de quem lê, com seu azul forte marcado por texturas brancas. Ao lado há uma página azul com um coração recortado, o qual possibilita ver a descrição "Sentimos o mesmo amor..." (TECKENTRUP, 2018, p. 8), da lauda seguinte. Essa descrição dialoga com o escrito da página azul, que conclui a frase com "no frio da neve congelante" (TECKENTRUP, 2018, p. 9). Sendo transportados para o ambiente antártico, percebemos que o amor pelo próximo pode ser sentido até mesmo nos lugares mais frios do planeta.

Logo, vemos duas doninhas, uma marrom escura e a outra marrom clara, de mãos dadas debaixo da nuvem recortada, onde é possível ver a lua cheia da página anterior. Os animais estão sob uma vegetação fina, específica de seu habitat, as quais possuem uma coloração azulada com traços finos – devido ao reflexo do céu azul noturno e de nuvens esfumadas em tom mais forte. Há uma página da cor do gelo, onde nela está escrito "Sentimos o mesmo amor... iluminados pela lua cintilante" (TECKENTRUP, 2018, p. 11).

Após, há um cervo, uma corça e dois filhotes correndo sobre a relva verde, envoltos por pinheiros verdes, colinas com tons reais de pedra e névoa branca. Ambas as páginas dizem "Fazemos brincadeiras... onde o céu é tocado pelas colinas" (TECKENTRUP, 2018, p. 12-13), respectivamente.

Em seguida, temos um cenário muito significativo, que está na capa de trás do livro, e que chama muito a atenção de quem lê, principalmente do infante. Há diversos coelhos e coelhinhos encostados nos troncos de árvores – nesta página temos a nuvem refletindo a descrição da página anterior "Fazemos brincadeiras [...]" (TECKENTRUP, 2018, p. 12) –, um coelho empoleirado sob o outro em cima de uma pedra – a qual está escrita a conclusão da frase anterior "onde a relva cresce verde e fina" (TECKENTRUP, 2018, p. 14). Os coelhos estão sob um cenário tomado por relvas verdes de tons amarelados e por dentes-de-leão, as abelhas.

Na página seguinte somos transportados para alto mar, onde temos muitas baleias nadando sob a água com tons verdes, azuis e brancos misturados. Numa das

laudas vemos escrito "Cantamos as mesmas canções... cruzamos o mesmo mar" (TECKENTRUP, 2018, p. 15).

Logo depois, o leitor se depara com um ambiente floral diferente, com diversos pássaros marrons, azuis e roxos voando. Eles estão num cenário onde a vegetação verde predomina. Uma das páginas apresenta uma divisão rosa e outra com pássaros, nela há um recorte diferenciado, que dialoga o escrito da página anterior com o da página divisória, o qual diz: "Cantamos as mesmas canções... respiramos o mesmo ar" (TECKENTRUP, 2018, p. 17). Pássaros e baleias cantam em lugares diferentes, no ar e no mar, e são de espécies, mas possuem muito em comum: eles cantam unidos pela natureza.

Posteriormente, temos dois ursos com as mãos em seu filhote – ambos marrons com uma mancha clara na barriga – cercados pela vegetação colorida, com passarinhos verdes, amarelos e azuis nos galhos das árvores. Os ursos têm seus olhos voltados para o céu, do qual cai traços azuis representando a chuva. Na página caramelo ao lado, há gotas de chuva recortadas na página, uma menor e outra maior, a qual mostra o escrito da página posterior "nos molhamos na mesma chuva" (TECKENTRUP, 2018, p. 19) e completa-se com o escrito da página caramelo "na floresta escura que nos causa surpresa" (TECKENTRUP, 2018, p. 20).

Seguindo, temos uma vegetação ainda mais rica em tons verdes, com samambaias, folhas e galhos, onde notamos tucanos, pássaros e borboletas. Neste cenário há um rio e os animais mais marcantes da ilustração: os flamingos rosa, que se molham na chuva através da gota recortada da página anterior. Ao lado vemos uma página azul, a qual está escrita "nos molhamos com a mesma chuva... onde o rio forma uma forte correnteza" (TECKENTRUP, 2018, p. 22).

Logo, em seguida, vemos os guaxinins que vinham acompanhados do título na capa do livro. Eles estão sob um cenário onde o azul do céu e as estrelas predominam. Na página esquerda há uma montanha com pinheiros e dois guaxinins observando as estrelas. Na página direita, os guaxinins olham para a lua cheia recortada refletindo o escrito da página seguinte: "Sonhamos os mesmos sonhos..." e completa-se "observando os astros coloridos" (TECKENTRUP, 2018, p. 24).

As duas últimas páginas que se seguem fazem uma síntese da história, elas mostram os tucanos, os pássaros, as borboletas os leões, os cervos e corças, as doninhas,

os gatos, as corujas, os pinguins, os flamingos, os guaxinins, os coelhos, as abelhas e os ursos. Todos eles olham para uma enorme lua cheia, a qual está escrita a frase que resume toda a narrativa e a mensagem que Britta Teckentrup quis passar: "Sonhamos os mesmos sonhos... e sonhamos... unidos!" (TECKENTRUP, 2018, p. 26).

O céu é um aspecto que ocupa grande espaço nas páginas do livro, e, na maioria das vezes, os animais estão sempre com os olhos voltados para ele. O céu pode representar as aspirações, as esperanças, os sonhos que estão inacessíveis, mas que um dia podemos alcançar, e, se não alcançarmos, o que importa é que nossos sonhos nos colocaram em movimento e não nos impediram de caminhar.

Este é o tipo de livro em que as imagens nos transmitem poesia e dizem mais do que as palavras, nos sensibilizando do início ao fim. A autora utiliza animais como estratégia para personificar os sentimentos humanos e passar sua mensagem de um mundo que seja para todos, sem barreiras, mesmo que tenhamos nossas diferenças, seja na língua, nas opiniões ou no grupo em que estamos inseridos. As diferenças não são maiores do que aquilo que nos movimenta: os nossos sonhos e a nossa utopia.

MEU VIZINHO É UM CÃO

Por fim, mas não menos importante, o último livro a ser analisado é *Meu vizinho é um cão*, escrito e ilustrado pelas portuguesas Isabel Minhós Martins e Madalena Matoso, respectivamente. A obra Infantil e Juvenil foi publicada no Brasil em 2010, pela editora Cosac Naify.

Você já imaginou estar em seu apartamento, quando de repente chega um caminhão de mudanças, e no outro dia um novo vizinho: um cão que toca saxofone... um crocodilo que se veste de *Papai Noel*... e um par de elefantes que lavam o carro dos outros vizinhos? A obra de Isabel Minhós Martins (2010) trabalha com o estranhamento, abordando temas como a diversidade, o preconceito, a empatia, a tolerância e as relações com a vizinhança.

Meu vizinho é um cão é narrado por uma menina que morava num prédio sempre muito sossegado, onde nada de extraordinário acontecia, até que um dia um enorme caminhão vermelho parou em frente à porta. É digno de observação que nas laterais do veículo está escrito "MUDANÇAS JÁ" (MARTINS, 2010, p. 7), e é o que acontece no

prédio a partir daquela chegada, causando grande surpresa, estranhamento e aprendizado.

A autora brinca com as palavras ao longo da obra, como no trecho: "Caixas, caixinhas e caixotes... alguns deles com formas bem esquisitas" (MARTINS, 2010, p. 6) para descrever a entrada e saída das bagagens dos vizinhos, as quais todos vão, curiosos, olhar à janela. Este é um recurso intersemiótico – a construção de significados promovidos por diferentes linguagens, neste caso, o texto verbal associado às ilustrações – utilizado pela autora para promover a interação entre leitor-obra. É, portanto, um recurso híbrido.

O primeiro vizinho a chegar no prédio é um cão, que late um "bom dia" (MARTINS, 2010, p. 10) e vai para a varanda fumar seu cachimbo e ler o jornal – o humor é ativado quando olhamos o jornal que o cão está lendo e uma das notícias fala sobre vizinhos insatisfeitos. A personagem-narradora comenta que a chegada do cão causou estranhamento em seus pais, pois ele possui hábitos bizarros e pouco educados.

A menina afirma que gostou do cão, de vê-lo tocando saxofone e fazendo anéis de fumaça com seu cachimbo, e embora ele causasse incômodo aos vizinhos, o cão “é tão simpático que nos traz jornal em casa todos os dias” (MARTINS, 2010, p. 11).

Tal foi o incômodo que em pouco tempo outro apartamento do prédio ficou vazio, e em seguida outro caminhão chegou à porta do edifício, com “caixas, caixinhas e caixotes [...] bem mais volumosos e assustadores” (MARTINS, 2010, p. 12), que era preciso entregadores fortes para carregá-los.

Os novos vizinhos era um par de elefantes bem simpático, como bem descreve a narradora. "Seriam eles irmãos, primos, namorados?" (MARTINS, 2010, p. 14). A menina comenta que os pais ficaram incomodados pelos hábitos dos elefantes, e, principalmente, pelo modo como eles entrelaçavam as trombas. Aqui a autora nos traz um tema importante: O companheirismo entre pessoas do mesmo gênero. É uma abordagem suave que ajuda a romper paradigmas e movimenta o senso crítico do leitor, preparando-o para ser um cidadão que presa pelo respeito, pois é um dever da Literatura se metamorfosear em busca de diálogos que visem a discussão de questões humanas que possibilitem o exercício da tolerância e dos direitos humanos.

A personagem narradora simpatizou com os elefantes e comentou sobre suas boas ações em lavar o carro da vizinhança do prédio, mostrando que são suas ações que revelam quem realmente são.

Em seguida, outro apartamento ficou vago e um novo vizinho foi fazer morada em no apartamento. O inquilino era um crocodilo com bagagens e um estilo chique de se vestir. A menina afirma que no início torceu um pouco o nariz para o vizinho, mas que foi por pouco tempo, pois crocodilo se mostrou ser boa gente. Ele ensinou a menina a dançar e, no Natal, vestiu-se de *Papai Noel* e deu presentes para todos da vizinhança, "bolsas para as senhoras, sapatos para os homens e, para mim, um colar com um dente molar" (MARTINS, 2010, p. 24) – aqui o humor novamente é ativado, ora, pois, todos estes produtos, antigamente, eram feitos de pele de crocodilo.

A narradora questionou os vizinhos sobre os julgamentos dos pais aos vizinhos, e eles afirmaram que os pais da menina é que eram esquisitos, olham de cima a baixo, se acham superiores e não agradecem pelos presentes. Até aqui o leitor deve se perguntar quem são os pais da menina, pois durante o livro inteiro eles não aparecem em cena. Na página seguinte o mistério é quebrado: os pais dela são girafas, elas são altas e olham de cima para baixo.

A menina e sua família vão embora do prédio e, em seguida, uma família de três ursos vai morar em seu apartamento. A menina promete voltar a morar no prédio e tem certeza de que os vizinhos não a acharão nada esquisita. Nas duas últimas páginas da história, há ilustrações futuras, como um epílogo, as quais mostram a menina e sua filha chegando no prédio com um caminhão, e os vizinhos acenando para ela.

Você também já teve vizinhos com hábitos estranhos inseridos em seu contexto? A leitura desta obra possibilita ver que a situação de estranhamento com algo novo, até certo ponto, é normal, que o diferente não é ruim, que são nossas ações que define quem realmente somos e que o que é estranho para você pode não ser estranho pra mim.

Este livro possibilita trabalhar questões de tolerância que podemos levar para todos os espaços de atuação. Segundo Filho (2010, p. 59), os temas trabalhados aqui são "[...] de grande relevância para uma educação que visa a formação de sujeitos realmente capazes de conviver em harmonia, respeitando as diferenças sociais, étnicas e culturais de um país como o Brasil".

(ENTRE)LAÇANDO CAMINHOS ENTRE A LITERATURA E A CONVIVÊNCIA COM O OUTRO

Nos livros de Literatura Infantil e Juvenil muitos tabus foram derrubados ao longo dos anos, entre eles falar de identidade de gênero, diversidade étnica, religiosa ou social. Como nos exemplos dos livros acima, que discutiram adoção, constituição familiar, aparência física, medos, desemprego, pobreza, entre outros temas imbricados com a *convivência com o outro*. Afinal, conviver é isso, é tratar de todas essas questões de singularidades.

Antigamente, em meados do século XVIII os livros infantis não traziam esses assuntos a serem abordadas, eram obras puramente moralizantes, sempre com uma "lição" óbvia e imposta, como por exemplo: cuidado com o lobo, ele foi atrás da Chapeuzinho porque ela não obedeceu sua mãe e mudou o caminho. Moral clássica da história da *Chapeuzinho Vermelho*, de Perrault. Ou ainda, fazendo ligação com o tema de *convivência com o outro*, a história clássica *O Patinho Feio*, de Christian Andersen, que abarca a perspectiva de *bullying*, de diversidade e respeito, mas de forma óbvia, sem grandes descobertas e com o final esperado do felizes para sempre, com o patinho sendo na verdade um cisne e encontrando sua "verdadeira" família no desfecho do enredo. Os livros não eram abertos aos diálogos e as discussões como forma de manterem as crianças afastadas do que era ruim no mundo.

Nós entendemos justamente ao contrário, que os livros de Literatura Infantil e Juvenil são essenciais para a abertura de conversas e reflexões sobre todos os temas, inclusive os temas tabus, e temáticas como a *convivência com o outro*, pois é a partir desta "ponte", deste "enlace" construído com as crianças e jovens por meio da Literatura, que elas terão em seu processo de desenvolvimento um pensamento mais amplo, ponderado e de discernimento diante de si e dos outros.

O intuito destas análises não foi de dar respostas prontas sobre os livros de Literatura Infantil e Juvenil que discutam o determinado tema da *convivência com o outro*, mas justamente apontar que muitas obras de Literatura podem fomentar as indagações, as discussões e reflexões sobre qualquer que seja o assunto.

Afinal, entendemos que o livro é o caminho, para além de formação de leitores, para uma formação mais humana, sensível e crítica, que respeite toda e qualquer diferença, com empatia.

REFERÊNCIAS

BARNETT, Mac. **Triângulo**. São Paulo: Salamandra, 2017.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira semiologia literária do Colégio de França, pronunciada em 7 de janeiro de 1977. [Tradução Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Cultrix, 2007.

BROWNE, Anthony. **Vozes no parque**. 1. ed. [Tradução Clarice Duque Estrada]. São Paulo: Pequena Zahar, 2014.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 2010.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Leituras em contraponto**: novos jeitos de ler. São Paulo: Paulinas, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

CUTBILL, Andy. **A vaca que botou um ovo**. São Paulo: Salamandra, 2010.

DEBUS, Eliane Santana Dias. Do livro artesanal Casa de papel, de Glaucia de Souza, ao livro industrial Avoada, de Marília Pirillo: casas para morar e brincar. **Revista contrapontos**, Itajaí, v. 19, n. 04, p. 390 - 403, 2018. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/12984/7846>. Acesso em: 24 fev. 2020.

DEBUS, Eliane Santana Dias; GONÇALVES, Fernanda. Livros-vivos nas mãos de crianças brincantes: muitas histórias para contar. **Horizontes**, Itatiba, v. 36, n. 2, p. 125 - 132, 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/viewFile/507/292>. Acesso em: 24 fev. 2020.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos. 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados/ Cortes, 1989.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 8. ed. [Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder]. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MARTINS, Isabel Minhós. **Meu vizinho é um cão**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MÃE, Valter Hugo. **O paraíso são os outros**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa II**. São Paulo: Cultrix, 1994.

NDIAYE, Marie. **A diaba e sua filha**. [Tradução de Paulo Neves]. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PAULA, João Miguel Pulquério de. Estilos parentais, inteligência emocional e o enfant terrible – relações, implicações e reflexões. **Revista de Enfermagem Referência**, [on-line], v. 3, n. 8, p. 155-162, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12707/RIII1203>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TECKENTRUP, Britta. **Debaixo do mesmo céu**. 1. ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2018.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

YUNES, Eliana. PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da Literatura Infantil**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1989.

Recebido em: 10/08/2022

Aprovado em: 12/09/2022

Publicado em: 21/09/2022